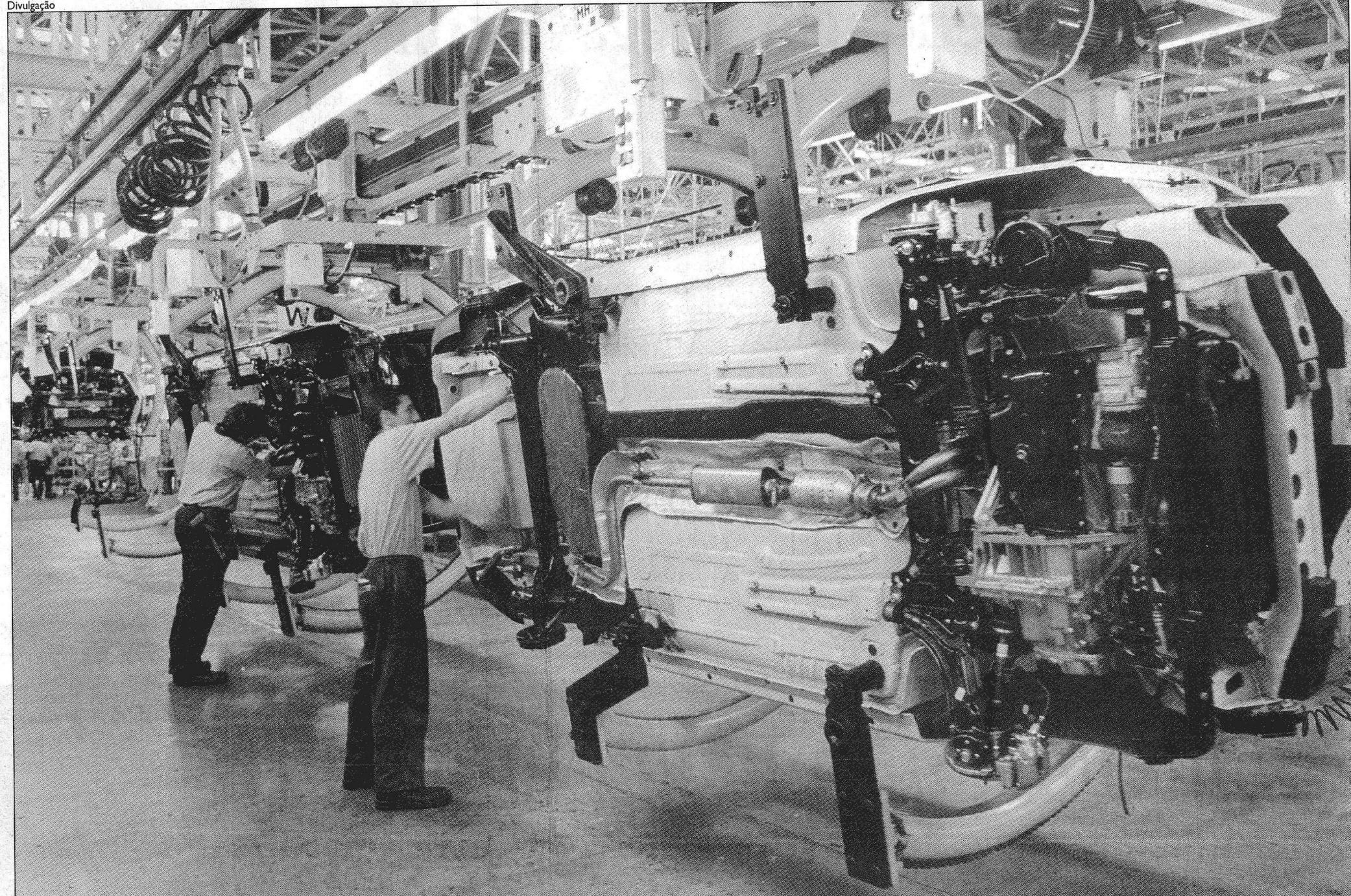


PEQUENO ALÍVIO

186

Divulgação



atividade industrial mostrou sinais de recuperação em março, com um crescimento de 20,68% nas vendas em relação a fevereiro. Por outro lado, houve redução de 0,46% no emprego no mesmo período

Da Agência Estado

Os alimentos, com deflação de 0,48%, foram os principais responsáveis pela queda do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) em abril, que teria ficado em 0,3%, não fosse o reajuste no preço dos combustíveis. A taxa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ontem ficou em 0,47%, contra 1,28% em março. O peso dos combustíveis no INPC foi de 0,17 ponto percentual, segundo a chefe do Departamento de Índices de Preços do IBGE, Márcia Quintsler.

A inflação de 0,47% em abril significa redução de 0,81 ponto percentual em relação à taxa de março, uma boa notícia. No auge da crise provocada pela desvalorização do real, no início de janeiro, os analistas diziam que o País poderia trilhar dois caminhos: mergulharia na recessão com inflação ou alcançaria o bote salva-vidas da queda brutal na atividade compensada pela diminuição nos preços.

Nos últimos 12 meses o INPC acumulado é de 3,88%, praticamente o mesmo índice apurado nos 12 meses anteriores (3,86%). O acumulado do ano, no entanto, está em 3,74%, o que é uma taxa superior à do mesmo período do ano passado, que ficou em 2,35%.

No setor industrial, as estatísticas divulgadas ontem apontam para relativa melhora do quadro macroeconômico cuja consolidação ainda é incerta. A produção industrial registrou crescimento de 1,6% em relação a fevereiro, apesar do desaquecimento da economia. Mas, segundo Pesquisa Industrial Mensal (PIM) divulgada ontem pelo IBGE, em todas as outras comparações continuam prevalecendo os resultados negativos.

De qualquer forma, o crescimento da produção na chamada "ponta da série", ou seja, na passagem de um mês para o outro, foi um resultado alentador, na opinião dos técnicos do IBGE, que esperam a repetição de um índice positivo na comparação de abril com março. O otimismo deve-se, basicamente, aos bons resultados das vendas da indústria em abril, anunciados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

As quedas nas taxas de juros que se seguiram devem refletir-se no nível de atividade de abril, que têm peso direto sobre o custo da produção industrial e sobre o consumo.

A ampliação no ritmo de atividade de verificada de fevereiro para março foi praticamente generalizada, atingindo 17 dos 20 gêneros industriais e todas as categorias de uso pesquisadas pelo IBGE. A média de desempenho foi de 1,6%, mas foram

registrados picos como o da área de bens de consumo duráveis, que teve expansão de 5,2%.

O segmento de bens de consumo semi e não-duráveis também cresceu acima da média, registrando 3,1%. Na comparação com março do ano passado, houve redução em 12 segmentos e em todas as categorias, com as maiores quedas nos setores de material elétrico e de comunicações (16,4%), mecânica (-11,3%) e material de transporte (-12,3%).

A atividade industrial mostrou sinais de recuperação em março, com um crescimento de 20,68% nas vendas reais da indústria em relação a fevereiro e de 12,32% nas horas trabalhadas na produção. Estas são as principais novidades contidas na edição de março do relatório Indicadores Industriais, da CNI, também divulgado ontem.

Por outro lado, o mercado de tra-

balho industrial apresentou resultados negativos. Houve redução de 0,46% no emprego em relação a fevereiro e de 0,38% no total de salários pagos. Com a desvalorização cambial, as vendas das indústrias voltadas para a exportação cresceram 4,34% e as horas trabalhadas, 2,99%. No acumulado do ano, porém, as vendas reais tiveram uma queda de 2,57%, o emprego caiu 6,78% e as horas trabalhadas na produção foram 10,58% menores. No mesmo período, a queda no total dos salários líquidos pagos foi de 8,95%.

CÂMBIO

No curto prazo, o clima é de arrefecimento na crise. O Banco Central entrou comprando dólares ontem, para evitar que a cotação do dólar caísse abaixo de R\$ 1,64. Segundo analistas, o BC comprou a R\$ 1,644. Aparentemente, o fluxo de dólares



está fortemente positivo, o que teria motivado a intervenção do BC.

Depois que o Banco parou de comprar, o mercado futuro de câmbio começou a subir e terminou o dia em forte alta. A última cotação do dia no

mercado interbancário foi de R\$ 1,659 para venda, R\$ 1,657 para compra. A alta em relação ao fechamento de ontem é de 0,6%.

As razões sobre as causas da alta do dólar provocam divergência entre os operadores. Alguns afirmam que o Banco Central comprou demais. Segundo analistas, mais de US\$ 100 milhões. Outros dizem que a principal razão foi a puxada das cotações nos contratos futuros de câmbio, no finalzinho do pregão da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F).

As bolsas de valores operaram em queda durante praticamente toda a primeira metade do dia, realizando lucros (venda de ações que se valorizaram) acumulados no mês. Às 13h30, quando o pregão é interrompido, a bolsa paulista (Bovespa) — que chegou a cair 1,25% — havia se recuperado um pouco e caía apenas 0,15%, aos 12.394 pontos e com vo-

lume de R\$ 298 milhões. O Ibovespa fechou em queda de 1,16%.

Os operadores não acreditam que a queda indique uma reversão de expectativas sobre o comportamento das bolsas. Eles ressaltam que a queda dos juros, do dólar e da inflação nos últimos dias são indicadores muito positivos para o mercado.

"A alta acumulada do Ibovespa este mês já ultrapassa 9% e é até saudável que os investidores realizem lucros. Isso não significa que haja uma reversão de expectativas", comentou João Marcos Cicarelli, da Agente Corretora. "Essa foi uma pausa para tomar fôlego".

Os operadores também não acreditam que a queda das bolsas esta manhã deva ser associada às incertezas sobre a convocação do ministro da Fazenda, Pedro Malan, para depor na CPI dos Bancos.